

# AS INCERTEZAS GLOBAIS E AS *COMMODITIES* AGRÍCOLAS PARANAENSES

Francisco José Gouveia de Castro\*

As condições econômicas e políticas no globo têm levantado diversos cenários de incertezas aos agentes públicos e privados. De fato, as duas principais economias do mundo, Estados Unidos e China, vêm travando conflitos retóricos e de interesses nos quesitos comercial e militar. O ressurgimento de ideais protecionistas combinado com a possibilidade de turbulências nas economias emergentes pode frear qualquer expectativa a respeito da permanência de crescimento da economia global.

Os riscos para o crescimento global são as tensões comerciais, as condições financeiras apertadas com o alto nível de endividamento público e privado, a retirada do Reino Unido da União Europeia e a desaceleração da China.

A Zona do Euro está diante de processo de mudanças em relação aos componentes do poder. Países como a Espanha e a Itália registram o embate acirrado na disputa entre adeptos de orientações políticas com perfis extremistas, muitos dos quais questionam a permanência de seus respectivos países no bloco europeu, seguindo o exemplo do Reino Unido.

A redução do ritmo da economia mundial está gerando a expansão mais fraca desde a crise financeira global, o que está causando mudanças drásticas entre os bancos centrais. Tais preocupações afetaram as perspectivas de crescimento e aumentaram a volatilidade do mercado. Além disso, as expectativas em relação ao comportamento do Federal Reserve (Fed) quanto às decisões em relação à continuidade nos aumentos das taxas de juros nos Estados Unidos têm afetado as previsões sobre o andamento da economia global.

De acordo com o relatório do *Federal Open Market Committee* (FOMC), o mercado de trabalho nos Estados Unidos continua se fortalecendo e a atividade econômica vem subindo a uma taxa sólida. A taxa de desemprego permaneceu baixa ao longo de 2018. Segundo a previsão do FOMC, os gastos das famílias americanas continuam a crescer fortemente. Do ponto de vista da inflação, em base de 12 meses até dezembro de 2018, tanto a inflação geral quanto a inflação para itens de alimentos e energia permanece perto de 2%.

Diante desse contexto macroeconômico americano, o Fed sinaliza para a interrupção da série descendente de taxas de juros; porém, segundo o boletim da instituição, há uma divisão bem clara entre as autoridades a respeito dessa descontinuidade.

Avaliando esse contexto, o Fundo Monetário Internacional (FMI) espera que o crescimento global permaneça estável em 3,7% no ano de 2019 (tabela 1). Porém, o órgão prevê a queda nas economias avançadas com o desenrolar do fim do estímulo fiscal dos Estados Unidos e o desaparecimento dos *spillovers* favoráveis da demanda nos mercados emergentes e nas economias em desenvolvimento. O FMI prevê que a forte demanda interna americana deverá projetar a economia desse país acima do pleno emprego e aumento das importações, que deve pressionar o déficit em conta corrente.

No caso da China, o crescimento deverá ser moderado, de 6,6% em 2018 e de 6,2% em 2019, se comparado aos demais resultados históricos do país. O rebaixamento de 0,4% entre 2018 e 2019 reflete a desaceleração do crescimento da demanda e o aperto na regulamentação financeira, somados aos efeitos negativos das recentes ações tarifárias, que foram assumidas para compensar parcialmente os estímulos políticos.

Em relação à área do euro, espera-se que a continuidade da política monetária expansionista e a criação de empregos continuem a fortalecer a demanda agregada, embora em um ritmo moderado.

Segundo o boletim do European Central Bank (ECB), divulgado recentemente, a inflação anual dos preços ao consumidor na área da OCDE cresceu 2,7% em novembro de 2018, excluindo alimentos e energia, que diminuíram para 2,2%. Ao mesmo tempo, a dinâmica salarial

\* Economista, coordenador do Núcleo de Macroeconomia e Desenvolvimento Regional do IPARDES.

mostrou estabilização, com a remuneração por empregado crescendo a uma taxa de 3% nos três primeiros trimestres de 2018. Os preços do petróleo *Brent* aumentaram cerca de 3% desde a última reunião do Banco Central Europeu, em dezembro. No mesmo período os preços dos alimentos aumentaram em 4%, enquanto o preço dos minérios diminuiu 2%. A taxa de câmbio do euro permaneceu globalmente estável, tanto em termos nominais efetivos como em termos bilaterais em relação ao dólar dos EUA.

Ainda em relação à Área do Euro, os dados, para o ECB, foram surpreendentemente negativos e a dinâmica de crescimento de curto prazo provavelmente será mais fraca. O índice de intenção de compras dos gerentes para a Área do Euro, em dezembro, ficou em 51,1, abaixo dos 52,7 de novembro. Segundo este critério, valores abaixo de 50 são considerados negativos. Os dados mais recentes, de acordo com o boletim do ECB, apontaram para uma nova desaceleração do ritmo de crescimento, em particular para setores mais sensíveis aos ciclos, como bens de capital e intermediários.

Ao mesmo tempo, a demanda interna estava sendo sustentada por condições favoráveis de financiamento e pela dinâmica do mercado de trabalho, aumento dos salários e menores preços de energia.

Segundo o ECB, as exportações da área deverão manter-se moderadas devido ao enfraquecimento da demanda externa. O crescimento das exportações de bens da área do euro diminuiu no terceiro trimestre de 2018 em 0,4%, em termos trimestrais, devido a uma queda nas exportações de bens de capital e, em particular, nos veículos automotores. As expectativas do ECB são de deterioração no comércio exterior da Área do Euro frente ao resto do mundo.

Também em relação à Europa, cabe destacar a redução do crescimento da Alemanha, por causa da desaceleração das exportações e da produção industrial. No ano passado, o crescimento econômico alemão desacelerou para 1,5%, ante 2,2% de 2017, e, segundo projeções do governo, este ano a economia deve crescer apenas 1%, o nível mais baixo desde 2013.

A segunda economia da Zona do Euro, a França, teve crescimento de apenas 0,3% no quarto trimestre de 2018, comparativamente ao trimestre anterior, segundo o Institut National de la Statistique et des Études Économiques (Insee). Conforme a agência de estatística francesa, este resultado significa que o crescimento econômico da França atingiu 1,5% em 2018, bem inferior aos resultados de 2017, que foram de crescimento de 2,3% no PIB.

Na Espanha, há uma sinalização de crescimento lento da produtividade e demografia desfavorável. Tal condição é replicada no Japão, que apresenta problemas de médio prazo, com o declínio da força de trabalho.

A estimativa de crescimento na Índia é reflexo da recuperação de choques transitórios (a taxa de câmbio e a implementação de uma taxa nacional de bens e serviços), com o fortalecimento do investimento e o robusto consumo privado.

No caso do Brasil, há combinação de dois fatores – o fator positivo é a expectativa de crescimento da demanda interna; por outro lado, as condições financeiras externas mais apertadas constituem o fator de risco para o comércio exterior brasileiro.

TABELA 1 - PROJEÇÕES DE CRESCIMENTO DO PRODUTO DAS PRINCIPAIS ECONOMIAS - 2019

PAÍS	PIB VARIAÇÃO (%)		BALANÇO DA CONTA CORRENTE <sup>(1)</sup>	
	2018	2019	2018	2019
Mundo	3,7	3,7	0	0
Estados Unidos	2,6	2,5	-2,5	-3
Canadá	2,1	2	-3	-2,5
Área do Euro	2	1,9	3	2,9
China	6,6	6,2	0,7	0,7
Japão	1,1	0,9	3,6	3,8
Índia	7,3	7,4	-3	-2,5
Brasil	1,4	2,4	-1,3	1,6
México	2,2	2,5	-1,3	-1,3
Colômbia	2,8	3,6	-2,4	-2,4
Arábia Saudita	2,2	2,4	8,4	8,8
Rússia	1,7	1,8	6,2	5,2

FONTES: FMI - World Economic Outlook

NOTA: Elaboração do IPARDES.

(1) Percentual do PIB.

Já em relação à política de comércio internacional, o que está em jogo são as definições a respeito da reforma do sistema multilateral. A proposta americana estabelece que os membros da Organização Mundial do Comércio (OMC) não podem ter tratamento especial se são membros da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) ou candidatos entrantes, ou, ainda, se são membros do G-20, se são classificados como países de alta renda pelo Banco Mundial e se fazem mais de 0,5% do comércio mundial de mercadorias. Tais condições incluiriam o Brasil, China, Índia, México, Turquia, Arábia Saudita, Coreia do Sul, Argentina e Chile, entre outros.

Ademais, a previsão da OMC para o comércio global é conservadora. O índice de perspectivas do comércio internacional (WTOI), recentemente divulgado pela instituição, mostra tendências negativas para as exportações e importações. De acordo com a metodologia do WTOI, um resultado maior que 100 aponta expansão do comércio acima da tendência de médio prazo, e abaixo de 100 mostra tendência de contração. O resultado é vermelho em cinco dos seis componentes do indicador: encomenda de exportações (95,3), cargas aéreas (96,8), produção e vendas de automóveis (92,5), componentes eletrônicos (88,7) e produtos agrícolas (94,3). O resultado global aponta para 96,3 pontos.

Tais resultados estão atrelados, além dos fatores conjunturais já tratados acima, aos preços mais baixos das *commodities*. Tarifas e *commodities* são os principais temas discutidos entre EUA e China. Segundo o *Financial Times*, as tarifas sobre exportações chinesas de US\$ 200 bilhões aos EUA vão aumentar de 10% para 25% se não houver consenso entre os dois países.

Segundo as informações do *United States Census Bureau*, o déficit comercial dos EUA com a China aumentou de US\$ 344,8 bilhões, nos primeiros 11 meses de 2017, para US\$ 382 bilhões, nos primeiros 11 meses de 2018. O valor das importações americanas de produtos chineses subiu de US\$ 461 bilhões para US\$ 493,5 bilhões, no mesmo período.

Esses resultados vão na contramão do prometido pelo mandatário americano, que é a redução do déficit comercial dos EUA com a China. Analistas de mercado apontam o crescimento das importações americanas à antecipação de encomendas para garantir mercadorias diante das ameaças de aumento da tarifa por parte do governo americano frente aos produtos chineses.

Já em relação às *commodities*, a China tem proposto comprar US\$ 30 bilhões ao ano adicionais em produtos agrícolas americanos, a exemplo de soja, milho e trigo, como contrapartida no acordo comercial em questão. Nesse sentido, tal proposta terá impacto direto na economia do Brasil, especialmente na paranaense.

Segundo estimativas e projeções da *United States Department of Agriculture* (USDA), o estoque mundial de soja deve se expandir entre as safras de 2017/2018 e 2018/2019. O maior comprador deste produto no mercado do Paraná, a China, deverá reduzir a demanda e seu estoque, uma vez que o governo chinês atua no sentido de redução da dependência de insumos agrícolas do exterior.

Nos EUA, principal concorrente de mercado da soja brasileira, estima-se que o estoque final de grãos de soja tenha aumento significativo entre as safras avaliadas, acompanhado da elevação da produção e de aumento da importação da oleaginosa (tabela 2).

TABELA 2 - ESTIMATIVAS DO ESTOQUE FINAL, PRODUÇÃO E IMPORTAÇÕES DE SOJA - MUNDO E PRINCIPAIS PRODUTORES - 2017/2019

PAÍS	ESTOQUE FINAL (Milhões de toneladas)			PRODUÇÃO (Milhões de toneladas)			IMPORTAÇÃO (Milhões de toneladas)		
	2017/2018	2018/2019	Var. (%)	2017/2018	2018/2019	Var. (%)	2017/2018	2018/2019	Var. (%)
Estados Unidos	11,92	26	118,12	120,04	125,18	4,28	0,59	0,68	15,25
Argentina	34,52	41,3	19,64	37,8	55,5	46,83	5,05	4,2	-16,83
Brasil	25,15	21,35	-15,11	120,3	122	1,41	0,18	0,2	11,11
Paraguai	0,18	0,21	16,67	9,81	9,8	-0,10	0,01	0,01	0,00
China	23,54	19,84	-15,72	15,2	16	5,26	94,13	90	-4,39
União Europeia	1,53	1,5	-1,96	2,67	2,7	1,12	14,58	15,8	8,37
Japão	0,22	0,26	18,18	0,25	0,26	4,00	3,26	3,3	1,23
México	0,18	0,21	16,67	0,43	0,34	-20,93	4,87	5,03	3,29
Mundo	101,3	115,33	13,85	339,47	367,5	8,26	153,54	152,46	-0,70

FONTE: USDA

NOTA: Elaboração do IPARDES.

De acordo com dados divulgados pelo Ministério da Economia, a China representa 94,46% do destino da produção de soja paranaense, o que ressalta a atenção às negociações de comércio entre esse país e os EUA, bem como as projeções de redução da demanda chinesa pela oleaginosa, apesar da redução de seu estoque em 15,72%.

As exportações brasileiras de soja em grãos em janeiro começaram com forte valor exportado. Os preços médios FOB, que em janeiro de 2018 estavam em US\$ 380,06 a tonelada, passaram para US\$ 378,36 a tonelada em janeiro de 2019, em razão da redução dos preços internacionais e do aumento do *quantum* devido à antecipação das exportações, já comentado anteriormente.

De fato, o cenário de preços também é incerto para as principais atividades *commodities* paranaenses. As observações do comportamento, nos últimos doze meses, das cotações de soja negociadas na Chicago Board of Trade (CBOT) e do açúcar transacionado na ICE Futures US permitem considerar que há uma tendência de volatilidade nos preços dessas *commodities*.

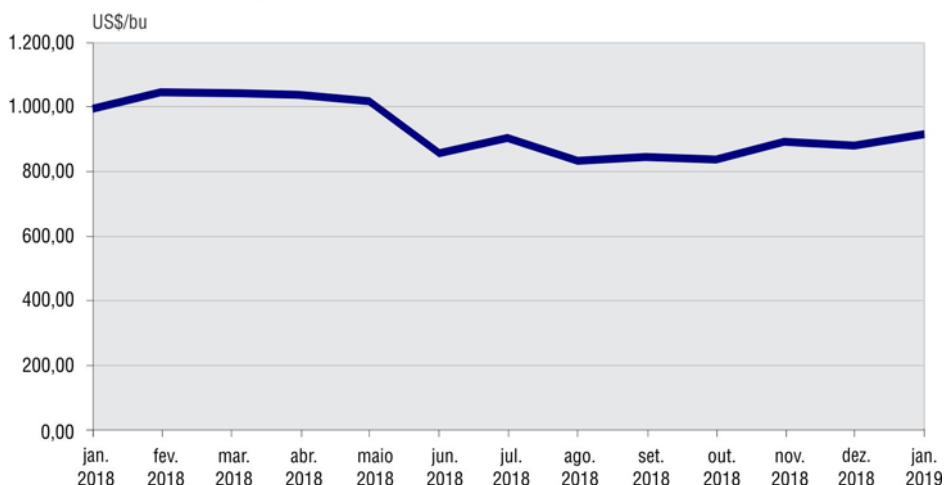
A soja, principal produto na pauta de exportação agrícola no porto de Paranaguá, registra uma tendência de volatilidade na cotação de negociação no mercado internacional. Em janeiro de 2019, a cotação de soja no contrato futuro negociada na Bolsa de Chicago chegou a US\$ 915,25 o Bushel, ante US\$ 995,75 em janeiro de 2018, registrando, assim, uma redução em 8,08% no período (gráfico 1).

No Brasil, a colheita, prejudicada pela falta de chuvas e pelo calor excessivo nos últimos meses, deverá ser pelo menos 5% menor, segundo a Conab. Com o cenário externo dando sinais de recuperação da Argentina, o qual, segundo estimativas da USDA, deve crescer 46,83% na produção de soja nessa safra, e o já citado arrefecimento das disputas entre EUA e China, os preços pagos pelo grão brasileiro não serão os mesmos.

No mercado nacional, de acordo com o Banco Central, os preços tiveram uma pequena queda, motivada pela forte baixa dos prêmios de porto, que no início de 2018 eram de USCents120/bu, e no final de 2019 fecharam a USCents 40/bu. Ao mesmo tempo, o câmbio teve influência, uma vez que em dezembro de 2018 foi cotado, em média, ao valor de R\$ 3,88, e em janeiro de 2019 a R\$ 3,74.

Na análise da Conab, em que pesem os preços internacionais em baixa, a comercialização da soja em grão vai depender de uma recuperação dos preços no mercado internacional, mas também da recuperação dos preços de prêmio de porto e do dólar.

GRÁFICO 1 - VARIAÇÃO DA COTAÇÃO DA SOJA - JANEIRO 2018 - JANEIRO 2019



FONTE: Bloomberg/Banco Central do Brasil

As exportações de açúcar em bruto escoado pelo porto de Paranaguá registraram como principal destino o Iraque, que é um tradicional importador de carne de frango brasileira, despontando, agora, como destino importante de açúcar paranaense o Canadá, devido a sua produção de alimentos. Cabe destacar que a Health Canada, responsável por avaliar a segurança e o valor nutricional de produtos alimentícios desse país, aprovou o consumo de açúcar transgênico proveniente do Brasil (tabela 3).

Ainda em relação às exportações do setor sucroalcooleiro, é importante considerar que a elevação da tarifa a esse produto de 50% para 95%, pela China, que era o principal comprador dessa *commodity* brasileira, abriu espaço para as negociações com países árabes, como a Argélia.

TABELA 3 - EXPORTAÇÕES, SEGUNDO PRINCIPAIS SUBGRUPOS DE PRODUTOS E RESPECTIVOS PAÍSES DE DESTINO - PARANÁ - 2018

SUBGRUPO DE PRODUTOS/ PAÍS DE DESTINO	2018	
	Valor (US\$ FOB)	Part. (%)
Soja em grão	5 208 920 186	100,00
China	4 920 192 991	94,46
Paquistão	65 841 733	1,26
Rússia	57 863 498	1,11
Outros países	165 021 964	3,17
Farelo de soja	1 283 974 321	100,00
Países Baixos (Holanda)	319 447 478	24,88
Alemanha	188 684 524	59,07
Coreia do Sul	159 817 416	84,70
Outros países	616 024 903	385,46
Açúcar bruto	617 733 019	100,00
Iraque	155 028 332	25,10
Canadá	128 631 675	20,82
Argélia	91 510 483	14,81
Outros países	242 562 529	39,27

FONTE: MDIC-SECEX

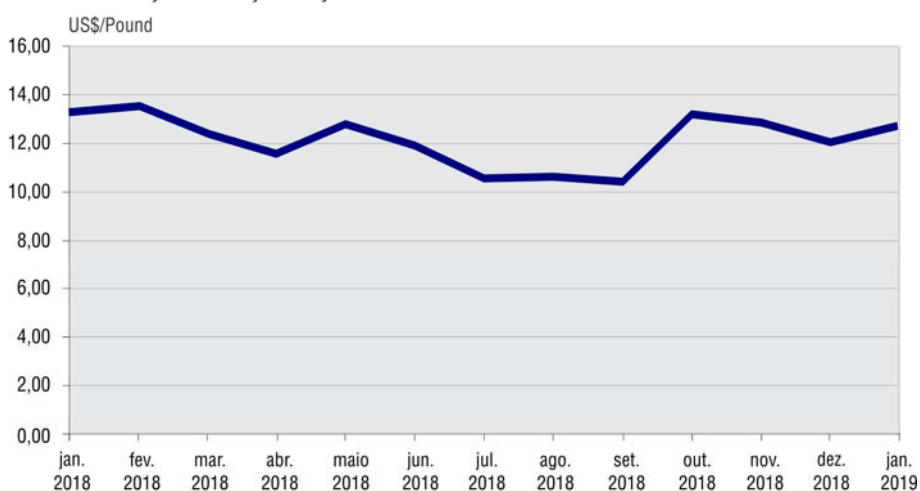
NOTA: Os valores podem apresentar pequenas alterações, dependendo da data da consulta aos dados do MDIC, em virtude de processos de revisão.

O açúcar, seguindo a mesma dinâmica da soja, regrediu de US\$ 13,23 Pound, em janeiro de 2018, para US\$ 12,73, em janeiro de 2019, o que representou significativa desvalorização no período (gráfico 2). De fato, o mercado vem trabalhando com a perspectiva de recuperação pouco acentuada dos preços internacionais do produto para esse ano.

De acordo com os dados da USDA, a expectativa para 2019 é de um novo patamar de estoque do produto, superior ao ano anterior em 53 milhões de toneladas métricas, composto majoritariamente pela Índia, que acumulou volume suficiente para compensar o recuo nos estoques da China e da Rússia, conforme o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (CEPEA).

Somado a isso – os preços baixos que prevaleceram na série histórica do ano passado –, a produção global não registrou em 2018, e não registrará em 2019, forte retração, segundo os cálculos da FAO, o que também será uma barreira à elevação dos preços dessa *commodity*.

GRÁFICO 2 - VARIAÇÃO DA COTAÇÃO DE AÇÚCAR - JANEIRO 2018 - JANEIRO 2019



FONTE: Bloomberg/Banco Central do Brasil

Em relação à oferta dos principais produtos de *commodities* agropecuárias, segundo estimativas divulgadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a produção de soja deve recuar em 2,6% no Brasil, entre 2018 e 2019. No Paraná deve ser registrado o maior declínio na produção da oleaginosa em 11,5%, no mesmo período (tabela 4).

Nessa estimativa, o Paraná deverá perder o posto de segundo maior produtor de soja para o Rio Grande do Sul, devido às intempéries climáticas. A escassez hídrica e o calor excessivo de dezembro e janeiro provocaram quebras expressivas no Paraná, que deverá produzir o volume de 17,3 milhões de toneladas.

De acordo com a Conab, a redução dos índices pluviométricos, registrada em dezembro, associada às altas temperaturas e baixa umidade relativa do ar, afetaram a queda da produtividade da safra desse ano.

O Mato Grosso permanecerá como líder, com produção estimada em 31.452.680 toneladas na safra de 2019.

TABELA 4 - ESTIMATIVAS DA PRODUÇÃO DE SOJA - BRASIL E UNIDADES DA FEDERAÇÃO - 2018-2019

UNIDADE TERRITORIAL	PRODUÇÃO DE SOJA (t)		
	2018	2019	Var. (%)
Paraná	19.266.672	17.052.153	-11,5
Mato Grosso	31.608.562	31.452.680	-0,5
Rio Grande do Sul	17.538.575	18.612.161	6,1
Goiás	11.312.800	10.910.650	-3,6
Mato Grosso do Sul	9.867.382	9.230.000	-6,5
Brasil	117.833.492	114.721.472	-2,6

FONTE: IBGE - Levantamento Sistemático da Produção Agrícola

NOTAS: Elaboração do IPARDES.

Posição em janeiro de 2019.

Outro produto importante na pauta de exportações do Paraná, o açúcar, segundo estimativas do IBGE, deverá permanecer estagnada entre a safra de 2018 e 2019, mantendo-se o Estado de São Paulo como o maior produtor do País, seguido de Minas Gerais.

De acordo com a Conab, a produtividade média estimada para a temporada 2018/2019 é de 71.326 kg/ha, valor 1,7% menor do que os obtidos na safra 2017/2018. Segundo o órgão federal, o envelhecimento das lavouras, a baixa taxa de renovação, a falta de investimento e a redução do pacote tecnológico têm mantido as médias brasileiras inferiores a 80.000 kg/ha.

Além disso, a Conab aponta a longa estiagem e as altas temperaturas nos estados do centro-sul, o que acelerou a maturação e, assim, reduziu a produtividade. No Paraná, a companhia estima um rendimento de 62.667 kg/ha de cana-de-açúcar, o que representa um decréscimo de 2,4% em relação à safra passada, como reflexo das condições climáticas desfavoráveis e do envelhecimento das lavouras.

TABELA 5 - ESTIMATIVA DA PRODUÇÃO DE CANA-DE-AÇÚCAR - BRASIL E UNIDADES DA FEDERAÇÃO - 2018-2019

UNIDADE TERRITORIAL	PRODUÇÃO DE CANA-DE-AÇÚCAR (t)		
	2018	2019	Var. (%)
São Paulo	358.438.815	350.000.000	-2,35
Minas Gerais	70.797.241	67.499.076	-4,66
Goiás	73.448.244	74.409.457	1,31
Mato Grosso do Sul	49.580.000	49.580.000	0,00
Paraná	42.068.520	42.068.520	0,00
Brasil	674.178.718	666.065.943	-1,20

FONTE: IBGE - Levantamento Sistemático da Produção Agrícola

NOTAS: Elaboração do IPARDES.

Posição em janeiro de 2019.

Considerando as perspectivas e os riscos para o ambiente externo, observa-se que o crescimento global e a dinâmica do comércio mundial devem se reduzir ainda mais. O conjunto de fatores como o impacto crescente do protecionismo comercial e uma escalada de conflitos comerciais, redução das importações chinesas (principal parceiro comercial paranaense), dadas as tensões entre os EUA e a China, e os riscos em torno da retirada do Reino Unido da EU estão associados aos riscos geopolíticos.

Para fins de conclusão, os riscos geopolíticos, a vulnerabilidade dos mercados emergentes, a volatilidade no mercado financeiro (o que inclui as *commodities* agrícolas exportadas pelo mercado paranaense) e as condições climáticas adversas são os riscos para a agricultura do Paraná, merecendo, por isto, atenção ao longo de 2019 e 2020.